

## A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* FEMININO NO CONTO DE FADAS CINDERELA.

Thaís Mendes da Purificação<sup>1</sup>  
Márcia Adriana Dias Kraemer<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

A delimitação temática do estudo<sup>3</sup> trata da construção do *ethos* feminino no conto de fadas *Cinderela*, segundo a versão de Charles Perrault (2019[1697]), em cotejo com a película cinematográfica homônima, com direção e roteiro de Kay Cannon (2021). A reflexão tem perspectiva linguística de base dialógica, com foco na heterogeneidade constitutiva e marcada, que permite perceber as representações de gênero e de sexualidade, revozeadas pela tradição até a contemporaneidade.

A pergunta que norteia a investigação questiona: *em que medida as representações da personagem Cinderela constroem a sua imagem nos discursos da tradição à contemporaneidade?* Como hipótese, pode-se pressupor que o perfil construído da personagem, na literatura, corrobora com a perpetuação dos papéis de gêneros atribuídos socialmente às mulheres. Dessa forma, supõe-se que Cinderela, como performance de gênero, desempenha os ideais de feminilidade, beleza e padrões comportamentais pré-determinados à mulher. Entretanto, presume-se que, na adaptação fílmica, a personagem, em certa medida, rompe com alguns ideais atribuídos pela tradição.

Nessa perspectiva, o objetivo geral da pesquisa é analisar o construto teórico dos estudos dialógicos da linguagem e dos estudos de gênero e de sexualidade, a fim de, a partir de uma análise contrastiva entre a narrativa tradicional e a contemporânea, compreender a construção do *ethos* do discurso na personagem Gata Borralheira/Cinderela, com base na heterogeneidade constitutiva e mostrada (marcada e não marcada) nas diferentes tramas. Justifica-se esse recorte em função de que se acredita necessário direcionar-se à literatura, compreendendo-a como um meio, também, de cristalização de discursos que se naturalizam e, por isso, passam a ser senso comum, sem imprimir indagações.

<sup>1</sup> Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. Graduada em Letras – Português e Espanhol – Licenciatura. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. thaismendespuri@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, Bolsa Capes. Professora do Magistério Superior na Universidade Federal da Fronteira Sul, vinculada ao Curso de Letras – Português e Espanhol – Licenciatura, *Campus* Realeza, PR; e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL, *Campus* Chapecó, SC. marcia.kraemer@uffs.edu.br

<sup>3</sup> Os resultados apresentados neste texto decorrem de investigações realizadas no: i. *Projeto de Pesquisa Estudos Dialógicos e Práticas de Linguagem em Educação: ensino, aprendizagem e formação reflexiva do sujeito social – Ediple*, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS (Registro: PES-2018-0979), coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Adriana Dias Kraemer e vinculado ao *Grupo de Pesquisa Ensino de Língua e Literatura – GELLI/UFFS/CNPq* (Registro: 2289661436675546); ii. e no *Projeto de Pesquisa Laboratório Integrado de Letramentos Acadêmico-Científicos – LILA*, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS (Registro: PES-2021-0538), com a mesma coordenação, mas vinculado ao projeto homônimo interinstitucional, da Universidade Estadual de Londrina (Registro: PES-2023-13129), coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Lúcia Lopes Cristovão e ligado ao *Grupo de Pesquisa Linguagem e Educação – LED/UDEL/CNPq* (Registro: 0322576119665502).

## 1 METODOLOGIA

O caminho da investigação caracteriza-se como teórico, com abordagem qualitativo-interpretativa e fins explicativos. A geração de dados acontece de forma indireta, por meio bibliográfico e documental, bem como a análise e a interpretação das informações recebem um enquadre de procedimentos técnicos com viés histórico e comparativo.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

O Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2016[1979]; Volóchinov, 2017[1929]) fundamenta-se nas relações dialógicas, sócio-histórico-culturais, pelo fato de defenderem que essas relações materializam-se por meio de enunciados concretos, dentro de contexto situado, com temática própria, diante dos quais o interlocutor reage responsivamente. Kraemer (2014) destaca, em relação à obra literária, a necessidade de uma análise que considera a literatura como um fenômeno complexo e polifacético que, portanto, deve ser interpretado considerando toda a cultura de uma época, ou seja, em seu contexto sócio-histórico-cultural.

Dessa forma, de acordo com o pensamento bakhtiniano, o papel de análise dos gêneros do campo da literatura é o de interagir discursivamente com a história da cultura. Nessa perspectiva, Cândido (2006) explicita que, tanto a literatura como a arte, relacionam-se com a sociedade exercendo um “[...] movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas” (Cândido, 2006, p. 33).

Reis (1984) considera que a ideologia de cada época promove o retrato da tradição artística vigente, refletida também nos gêneros literários. O conto, como manifestação artística, também vivencia esse processo. Dessa maneira, conforme Cândido (2006), a arte sofre influência ideológica advinda da sociedade, entretanto, simultaneamente, ela também influencia o meio social em que está inserida. Assim, a obra literária, bem como outras manifestações artísticas, como a cinematográfica, por exemplo, pode vir a tornar-se instrumento de rompimento de discursos cristalizados (no decorrer do tempo).

Bakhtin destaca que “[...] o próprio autor é um prisioneiro de sua época, de sua atualidade. Os tempos posteriores o libertam dessa prisão, e os estudos literários têm a incumbência de ajudá-lo nessa libertação” (Bakhtin, 2003[1979], p. 364). À vista disso, para o filósofo, o que possibilita a fruição da linguagem é a forma de escrita que aguarda a intervenção do leitor, com suas inferências, propiciando sentido ao texto, mesmo que a obra tenha sido produzida em um tempo longínquo.

Nesse sentido, apesar de sua natureza milenar, mesmo na contemporaneidade, os contos de fadas continuam sendo ressignificados, pois “[...] as obras dissolvem as fronteiras da sua época, vivem nos séculos, isto é, no grande tempo, e além disso levam frequentemente (as grandes obras sempre) uma vida mais intensiva e plena que em sua atualidade” (Bakhtin, 2003[1977], p. 363). Diante disso, enfatiza-se que os textos-enunciados de gênero literário são revozeados, por distintos momentos históricos, à medida em que recebem análises sob diferentes ópticas.

Evidencia-se, por meio da perspectiva bakhtiniana, que os discursos inserem-se, de forma dialógica, em uma arena composta por vozes alheios e juízos de valor variados. A partir disso, busca-se compreender a relação de sentidos contida nos enunciados analisados, por meio da heterogeneidade constitutiva e mostrada (marcada ou não marcada). Para isso, resgata-se o conceito de intertextualidade no

viés bakhtiniano: “[...] trata-se de um texto que se relaciona com outro texto já constituído, em um encontro de dois textos” (Kraemer, 2014, p. 119).

Os intertextos podem ter duas situações: “A primeira é condição de existência do próprio discurso, podendo ser denominada interdiscursividade ou heterogeneidade constitutiva, sob a óptica da Análise do Discurso [...] A segunda compreende a relação de um texto com outros já existentes” (Kraemer, 2014, p. 120), podendo ser explícita ou implícita em sua materialização. Dessa forma, o interdiscurso ou heterogeneidade constitutiva refere-se ao discurso que não está explícito e, portanto, o leitor precisa buscar os sentidos de outros discursos para que haja compreensão do sentido do enunciado. Já o intertexto ou a heterogeneidade mostrada remete ao diálogo entre textos em sua materialização, com marcas postas ou pressupostas.

De acordo com Maingueneau (1993) a intertextualidade mostrada incide sobre “[...] as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação, enquanto a outra aborda uma heterogeneidade que não é marcada na superfície [...]” (Maingueneau, 1993, p. 75), entretanto é possível identificá-la mediante as inferências (interdiscursividade) decorrentes da leitura responsiva do texto.

No que tange ao objeto central de análise, o ethos feminino no conto e na adaptação fílmica, faz-se necessário tomar, como instrumento de análise, a heterogeneidade constitutiva e mostrada. A fim de que se possa perceber como ocorre a construção da imagem da mulher, resgatando símbolos do imaginário coletivo, visto que “[...] a imagem discursiva de si é, assim, ancorada em estereótipos, um arsenal de representações coletivas que determinam, parcialmente, a apresentação de si e sua eficácia em uma determinada cultura” (Charaudeau; Maingueneau, 2008, p. 221).

Dentro disso, Simone de Beauvoir explicita que “[...] ninguém nasce mulher: torna-se mulher [...]” (Beauvoir, 1967, p. 9), enfatizando o papel fundamental do processo de socialização como meio de perpetuação de discursos masculinos cristalizados acerca do valor e do papel do gênero feminino na sociedade:

O conceito de gênero tem o objetivo de chamar a atenção sobre a construção social dos sexos, sobre a produção do feminino e do masculino, não como algo dado e pronto no momento do nascimento, mas como um processo que se dá ao longo de toda a vida e vai fazendo com que as pessoas, os sujeitos, se tornem homens e mulheres de forma muito diversificadas, sempre de acordo com o que aquela sociedade, aquele momento histórico, a sua cultura, as suas relações étnicas, religiosas, de classe considera, permitem e possibilitam. Nessa visão concebe-se a produção do masculino e do feminino, simultaneamente (Confortin, 2003, p. 109).

Wood (2018[1991]) afirma que as sociedades impõem padrões comportamentais esperados para que os gêneros (feminino e masculino) desempenhem socialmente. Dessa maneira, criam-se estereótipos do que é ou não ser mulher e como se deve ser mulher. O autor ainda destaca que as informações sobre esses modelos culturais de masculinidade e feminilidade são produzidas e incorporadas desde a infância, acarretando na forma com que homens e mulheres enxerguem o mundo e a si mesmos.

Enquanto o sexo biológico ocorre independentemente da cultura, nosso gênero atribuído é uma interpretação social que desencadeia um sistema elaborado de pistas que configuram cadeias de expectativa para toda a vida – baseadas nos conceitos de masculinidade ou feminilidade – do que significa ser um menino ou uma menina, um homem ou uma mulher. Os papéis de gênero (às vezes chamados de papéis sexuais) descrevem e prescrevem

padrões de comportamento distintos, fornecendo uma estrutura para como interagimos com os outros, como devemos nos encaixar, como nos vestimos, nossos maneirismos, nossa voz, bem como nossos encontros sexuais, parceiros possíveis, prosperidade econômica e até mesmo nossa personalidade. Os papéis de gênero podem diferir entre culturas diferentes em qualquer momento. Eles também podem mudar no decorrer do tempo dentro da mesma cultura (wood, 2021[1028], p. 31-32).

Dessa maneira, analisar a construção do ethos feminino requer um olhar atento à história, pois, conforme Beauvoir (1967), independentemente da cultura, o gênero feminino sempre é considerado inferior em relação ao gênero masculino. Firedan (2020 [1963]) explicita que o valor da mulher está na sua autoimagem e não em sua personalidade, ou seja, para que ela possa ser bem aceita socialmente, precisa ser “[...] jovem e frívola, uma representação infantilizada da figura da mulher” (FIRELAN, 2020 [1963], p. 44). Além disso, no que tange à sua personalidade, ela deve ser considerada doce, meiga, gentil, bondosa e doméstica. Dessa forma, para Wolf (2018[1991]), além de impor um padrão de beleza às mulheres, conceituado como *mito da beleza*, o gênero feminino precisa, também, adequar-se a um padrão comportamental que se denomina *papel de gênero*.

Diante da síntese teórica apresentada, pode-se perceber a importância dos contos de fadas para o processo de construção do ethos feminino, contribuindo com a categorização dos papéis sociais atrelados às mulheres. Sendo assim, nota-se que os conceitos de heterogeneidade constitutiva e mostrada podem contribuir para identificação de discursos alheios, presentes nos enunciados concretos, no conto e no filme, uma vez que tais discursos representam a cristalização do conceito de feminilidade, decorrente da construção social e cultural acerca do que se é considerado ser mulher dentro das sociedades patriarcais.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este estudo tem como temática a análise da construção do *ethos* feminino no conto de fadas Cinderela, segundo a versão de Charles Perrault (2019[1697]), em cotejo com a película cinematográfica de Canon, Cinderela (2021), sob a perspectiva linguística de base dialógica, com foco na heterogeneidade constitutiva e mostrada, para se perceber as representações de gênero e de sexualidade, revozeadas pela tradição até a contemporaneidade.

Em função dessa problemática, procura-se responder à pergunta que norteia a reflexão a qual questiona *em que medida as representações da personagem Cinderela constroem a imagem de mulher nos discursos da tradição à contemporaneidade*. Pela análise, corrobora-se a hipótese inicial, a qual pressupõe que o perfil construído da personagem, na literatura tradicional, perpetua os estereótipos atribuídos socialmente ao feminino. Assim, a personagem desempenha os ideais de feminilidade, de beleza, de virtuosidade, conforme os padrões de uma sociedade patriarcal e machista.

Em contraposição, na adaptação fílmica, a personagem rompe essas amarras atávicas da tradição. A protagonista da história constrói um ethos discursivo que se revela dissonante da perspectiva das convenções sociais reacionárias. Em um mundo em que ao gênero feminino são delegados papéis específicos e restritos, em que ser *bela, recatada e do lar* são os atributos mais lisonjeiros ao perfil de fêmea, de *mulher para casar*. As representantes femininas que usam de suas capacidades humanas,

psíquicas, racionais e intelectivas à semelhança dos homens, com os mesmos direitos e deveres, rompem barreiras e desestabilizam a zona de conforto do *status quo* social.

## CONCLUSÃO

Constata-se que a imagem da mulher, no discurso, por meio da óptica masculina, perpetua os estereótipos de performance de gênero feminino, tanto na literatura quanto na cinematografia. Entretanto, tais representações estereotipadas podem desconstruir-se por meio das literaturas contemporâneas, de autorias femininas, bem como de suas adaptações cinematográficas que apresentam o *ethos* feminino do século XXI.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. (1979). **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. M. (1979). **Os Gêneros do Discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; Notas da edição russa Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- CÂNDIDO, A. (1965). Literatura e Vida Social. *In*: CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2006. p.27-51.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação de tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.
- CONFORTIN, H. Discurso e gênero: a mulher em foco. *In*: GHILARDI-LUCENA, M.I. **Representações do Feminino**. Campinas: Editora Átomo, 2003. p. 107 - 123.
- FIRENZA, B. (1963). **A Mística Feminina**. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 2020.
- KRAEMER, M. A. D. **Reflexão sobre o Trabalho Docente: o conhecimento construído na formação continuada e a prática pedagógica**. Santa Rosa, RS: FEMA, 2014.
- MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Tradução de Freda Indursky. 2. ed. Campinas: Pontes, 1993.
- PERRAULT, C. (1697). **Cinderela**. Cendrillon ou la petite pantoufle de verre. Tradução de Elisângela Maria de Souza; Organização de Regina Michelli, Flavio Garcia, Maria Cristina Batalha. 1. ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2021. (Coleção Charles Perrault, v. 4).
- REIS, L. de M. **O Que É Conto?** São Paulo: Brasiliense, 1984.
- WOLF, N. (1991) **O Mito da Beleza: Como as imagens são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.
- WOOD, G. W. **A Psicologia do Gênero**. São Paulo: Voucher, 2021.
- VOLÓCHINOV, V. N. (1929). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.